

EUA COLOCAM FIREWALL PARA PROTEGER ACORDO DA UCRÂNIA COM A RÚSSIA

Por M. K. Bhadrakumar*



Imagem gerada por inteligência artificial.

A assinatura do “Acordo de Minerais” poderia ter sido uma cobertura para convidar Zelensky a visitar Washington, sendo o verdadeiro motivo informá-lo sobre as negociações com Putin?

O tiroteio verbal no Salão Oval na sexta-feira passada trouxe à tona a fúria do presidente Vladimir Zelensky de que Donald Trump e Vladimir Putin estão muito próximos de um acordo sobre a Ucrânia, enquanto o conclave na Lancashire House em Londres no domingo envolvendo 18 líderes europeus transmitiu a mensagem de que Zelensky está em boa companhia.

Conectando os pontos, a mente incisiva de Stephen Bryen, um especialista em segurança, estratégia e tecnologia que anteriormente ocupou altos cargos no Pentágono e no Capitólio, [escreveu no Substack](#): “Trump convidou [o presidente francês] Macron e [o primeiro-ministro do Reino Unido] Starmer para Washington para informá-los, o que ele aparentemente fez. Os franceses foram embora bastante infelizes, mas Starmer parecia estar em geral de acordo. Starmer fez um discurso para incluir o Artigo 5 e a OTAN em qualquer acordo; Trump rejeitou esse apelo. Putin, enquanto isso, falou com [o presidente chinês] Xi por telefone e enviou Sergei Shoigu (que lidera o Conselho de Segurança da Rússia, algo como o NSC) a Pequim para se encontrar com Xi.

“Trump convidou Zelensky. A cobertura para a aparição de Zelensky em Washington foi o ‘Acordo de Minerais’ que os dois líderes deveriam assinar... O verdadeiro motivo da visita de Zelensky foi informá-lo sobre as negociações com Putin e obter seu apoio.”

No evento, Trump não pôde informar Zelensky sobre o acordo com a Ucrânia nem assinar o “Acordo de Minerais” porque o presidente ucraniano se opôs fortemente a qualquer negociação com Putin. Ele fez isso em público, na cara de Trump e na frente da imprensa. O resultado foi que não houve reunião privada e Trump disse a Zelensky, *“ele seria bem-vindo de volta somente quando estivesse pronto para a paz”*.

É assim que as coisas estão. A sessão de estratégia que Trump deve ter tido ontem com seus principais assessores sinalizará o que acontecerá a seguir. Há uma grande probabilidade de que Trump possa cortar as entregas de armas e/ou assistência financeira à Ucrânia.

Agora que o Rubicão foi cruzado, é improvável que Trump mude de curso sobre a Rússia — a menos, é claro, que Zelensky se alinhe em uma rendição abjeta, o que também parece improvável. Os russos, é claro, acolhem sua expulsão.

É altamente improvável que Trump seja intimidado pelos acessos de raiva da UE ou impressionado pela [arrogância da Grã-Bretanha](#). A Alemanha está sem governo pelas próximas semanas; isso enfraquece o poder dos europeus.

De fato, a comunicação de canal secundário entre Moscou e Washington ganhou força. Moscou avalia que Trump está em vantagem. Isso se reflete no crescente otimismo nas [declarações de Putin](#) na última quinta-feira ao se dirigir ao Conselho do Serviço Federal de Segurança (colégio dos principais oficiais de inteligência estrangeira da Rússia).

Putin começou dizendo que o mundo e a situação internacional estão mudando rapidamente e *“os primeiros contatos com a nova administração dos EUA inspiram certas esperanças”*.

Ele disse: *“Há um compromisso recíproco [com Trump] para trabalhar para restaurar as relações interestatais e abordar gradualmente a enorme quantidade de problemas sistêmicos e estratégicos na arquitetura global que uma vez provocaram as crises na Ucrânia e outras regiões... Mais importante, nossos parceiros demonstram pragmatismo e uma visão realista das coisas, e abandonaram vários estereótipos, as chamadas regras e clichês messiânicos e ideológicos de seus antecessores.”*

Putin estimou que existem condições para um diálogo *“sobre trazer uma solução fundamental para a crise da Ucrânia, ... um diálogo sobre a criação de um sistema que realmente garanta uma consideração equilibrada e mútua de interesses, um sistema de segurança europeu e global indivisível a longo prazo, onde a segurança de alguns países não pode ser garantida às custas ou em detrimento da segurança de outros países, definitivamente não da Rússia”*.

No entanto, Putin também sinalizou que setores das elites ocidentais “*ainda estão comprometidos em manter a instabilidade no mundo, e essas forças tentarão interromper ou comprometer o diálogo recentemente retomado*” e, portanto, é vital que “*todas as possibilidades oferecidas pelo diálogo e serviços especiais para frustrar tais tentativas*” precisem ser aproveitadas.

De fato, o *New York Times* [divulgou](#) que o secretário de Defesa, Pete Hegseth, ordenou que o Comando Cibernético dos EUA interrompesse as operações ofensivas contra a Rússia “*como parte de uma reavaliação maior de todas as operações contra a Rússia*”. Da mesma forma, surgiram relatos de que Putin deu instruções semelhantes restringindo as agências russas.

O que dá encanto à visão é que muitas das operações mais sofisticadas dos EUA contra a Rússia são executadas na Sede de Comunicações do Governo da Grã-Bretanha, a famosa agência de inteligência que quebrou os códigos Enigma na Segunda Guerra Mundial. Basta dizer que os EUA parecem estar se libertando de operações conjuntas de longa data com a Grã-Bretanha direcionadas contra a Rússia.

Uma reportagem do jornal *Guardian* [corroborou](#) separadamente a divulgação do *Times* sobre uma mudança na política dos EUA. Ele acrescentou que o aquecimento das relações EUA-Rússia é aparente também em certos outros incidentes recentes que indicam que os EUA “*não estão mais caracterizando a Rússia como uma ameaça à segurança cibernética*”.

O jornal alegou que analistas da supersecreta Agência de Segurança Cibernética e de Infraestrutura (Cisa) dos Estados Unidos falaram com o *Guardian* sob condição de anonimato de que foram “*verbalmente informados de que não deveriam seguir ou relatar ameaças russas, embora isso tenha sido anteriormente um foco principal da agência*”.

Obviamente, uma crise de confiança surgiu no “*relacionamento especial*” EUA-Reino Unido — ou, para colocar de outra forma, o governo Trump está tomando medidas para sequestrar a Cisa de operações desonestas.

Há um histórico de operações desonestas por agências de espionagem na Guerra Fria. Um dos casos mais celebrados foi o incidente de 1º de maio de 1960, quando um avião espião americano U-2 pilotado por Francis Gary Powers voando a uma altitude de 80.000 pés foi [abatido sobre o espaço aéreo soviético](#), desencadeando uma crise diplomática que causou o colapso de uma conferência de cúpula em Paris entre o então presidente dos EUA, Dwight Eisenhower, e o líder soviético, Nikita Khrushchev —, e a morte repentina do sonho intimamente alimentado de *détente* dos dois líderes.

Uma situação análoga existe hoje. Tanto Washington quanto Moscou estão cientes disso. A necessidade de tal véu de segredo em torno do diálogo de alto nível entre o Kremlin e a Casa Branca é autoevidente. Há muitos detratores no Ocidente coletivo que não se contentam com nada menos que uma derrota russa na Ucrânia e preferem manter a guerra.

Em um cenário tão tenso, do lado russo, o mandado do Kremlin acaba prevalecendo, apesar de quaisquer vozes dissidentes que existam no complexo militar-industrial ou entre os superfalções com mentalidade de vingança. Mas esse não é o caso nos EUA, onde os remanescentes do antigo regime ainda mantêm posições sensíveis, como a reportagem do *Guardian* vividamente destaca. Na análise final, portanto, pode muito bem acontecer que — para citar Stephen Bryen — Trump “deixará a Ucrânia entrar em colapso, mas pode buscar um acordo com Putin sobre a Ucrânia quando Zelensky se for”.

Publicado no [Indian Punchline](#).

**M. K. Bhadrakumar* foi diplomata de carreira por 30 anos no Serviço de Relações Exteriores da Índia. Serviu na embaixada da Índia em Moscou em diversas funções e atuou na Divisão Irã-Paquistão-Afeganistão e na Unidade da Caxemira do Ministério das Relações Exteriores da Índia. Ocupou cargos nas missões indianas em Bonn, Colombo, Seul, Kuwait e Cabul; foi alto comissário interino adjunto em Islamabad e embaixador na Turquia e no Uzbequistão.
